

Benedito Assagra Ribas de Mello
Marcia David
Ademir Pereira dos Santos
Alexandre Penedo
Carlos Lunardi
João Francisco Chavedar
Jorge Simões Pires
Luciana Yui
Roberto Bianchi Jr.
Sônia Di Maio
Valéria B. Pedroso dos Santos

Grupo de Trabalho Docomomo SP / Vale do Paraíba

Inventário de Arquitetura Moderna no Vale do Paraíba e Alto Tietê

Resumo

Nesta segunda edição do *Inventário de arquitetura moderna no vale do Paraíba e Alto do Tietê*, além das três principais cidades, Mogi das Cruzes, São José dos Campos e Taubaté, ampliou-se o levantamento para outras cidades, tendo como referência a compreensão dos caminhos na difusão do movimento moderno através de obras pioneiras. Foram três momentos marcantes, polarizados sucessivamente pela ferrovia, estrada São Paulo/Rio e a BR 116, a Rodovia Dutra, que é tributária de um sistema de estradas intermunicipais. Selecionamos obras significativas e contextualizadas em escala regional, mesmo que algumas delas apresentem importância apenas local.

Apresentamos obras da serra da Mantiqueira, Vale do Paraíba, Alto Tietê e Litoral Norte, como amostragem parcial, mas significativa em termos históricos. Este trabalho pretende alimentar o debate acerca dos parâmetros para se discutir a “Permanência do Moderno” no Brasil, sendo que um dos alvos principais é engajamento das escolas de Arquitetura da região. Afinal, pensamos que o primeiro passo para a conservação é o reconhecimento e a documentação do bem cultural, na forma de inventário, cabendo às universidades um papel insubstituível.

Introdução

O que apresentaremos para este seminário é a continuidade das pesquisas que empreendemos desde 1997, quando parte dos resultados foi apresentada no II seminário DOCOMOMO Brasil, realizado em Salvador, BA. O trabalho resultou também numa exposição fotográfica das obras estudadas e na edição do Volume I, do *Inventário de Arquitetura Moderna no Vale do Paraíba*.

Buscou-se com aquele trabalho, criar uma cultura de trabalho que teve como referência a *Ficha para a Seleção Internacional do DOCOMOMO*, focando a documentação e a análise de obras representativas de apenas três cidades de nossa região: São José dos Campos, Taubaté e Mogi das Cruzes. Foram escolhidas estrategicamente por que acumulam os elementos-chaves para uma abordagem histórica do processo de urbanização da região, uma vez que se constituíram como pólos de absorção e irradiação regional de tendências modernizantes no campo da Arquitetura e do Urbanismo, tendo como referências as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, berço da escola paulista e carioca, duas das principais correntes do Movimento Moderno brasileiro a partir da década de 30 do século XX.

O critério para a seleção das obras que constam no primeiro volume foi a representatividade já consagrada daquelas obras, em nível regional, nacional e até mesmo internacional. São exemplares apresentados numa ordem cronológica, mas representando diferentes momentos, contextos culturais e econômicos, além de agregarem especificidades locais, importantes para a documentação dos ecos do MOMO na região em estudo.

O procedimento combina pesquisa bibliográfica e documental, envolvendo periódicos e fontes primárias. O grupo empreende também, excursões pelas cidades da região, o que tem propiciado descobertas impressionantes e um efetivo trabalho de campo. Participam além de profissionais representando suas instituições, alunos de graduação das universidades envolvidas na pesquisa e organização do Grupo de Trabalho.

No entanto, chamou-nos a atenção, durante o desenvolvimento da pesquisa, a importância dos caminhos, rotas e vias de acessos, constituindo numa tática de grande valor para se apreender as feições assumidas pela modernidade nestas cidades. Elegeu-se então, para se facilitar a compreensão desse processo, os caminhos como o principal fio condutor para escolher as obras que dariam continuidade ao Inventário. Este fato, nos levou à ampliação do nosso campo de trabalho, abrangendo agora toda a região e não apenas as cidades principais.

Modernidade e meios de transporte

Só se compreende o movimento moderno e seus desdobramentos, com o conhecimento dos caminhos e significados assumidos pela modernidade. Nesta região pode-se afirmar que a modernidade chega de trem, pois ainda no século XIX, a ferrovia e a industrialização decorrente,

patrocinaram o primeiro surto de urbanização e mudanças nos costumes e valores culturais. A passagem dos trilhos (1877) reestruturou a rede urbana, contemplando ou deixando de lado algumas cidades, que passaram a sediar novos investimentos que redundaram em novos programas e partidos arquitetônicos.

Este cenário urbano e regional, sofreria uma nova onda de mudanças a partir de 1928, quando foi inaugurada uma das primeiras estradas de rodagem de grande percurso, a Rio/São Paulo (SP 66), durante o Governo de Washington Luís. A estrada acompanha com algumas alterações, o trajeto da ferrovia. Outro momento de ruptura viria só no início dos anos cinquenta com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, a BR 116 (1951). Os caminhos anteriores, a estrada de ferro e estrada de rodagem, perdem gradativamente a importância adquirida diante da Via Dutra, que com um fluxo intenso, consolida-se como o principal eixo das transformações urbanas, econômicas e culturais não só da região, mas do Brasil, afinal esta rodovia unia a capital federal, Rio de Janeiro, ao principal centro econômico e industrial brasileiro, São Paulo. Tem-se uma nova safra de transformações, devido à procura de um espaço ao longo de seu percurso ou através das vias secundárias que demandavam a Rodovia. Explica-se assim, o isolamento ou o desenvolvimento de alguns centros, favorecidos por estes acessos e ou empreendimentos que por sua vez atraíram outros e assim por diante.

Outro eixo rodoviário importante foi inaugurado em 1973. Trata-se da Rio-Santos, a rodovia que possibilitou a consolidação do Litoral Norte como região economicamente integrada à rede urbana existente, sendo a motivação de uma série de obras de grande importância para se avaliar a aclimação conceitual do MOMO nos trópicos.

É possível, portanto, ilustrar este quadro, através de exemplares representativos da arquitetura moderna construídos em meio à estas transformações. Para tal, dividimos o trabalho em três momentos:

1. A Ferrovia EFCB e ramais
2. A Estrada de Rodagem São Paulo/Rio, a SP 66
3. A Rodovia Presidente Dutra, BR 116

A Ferrovia e os ramais

Conforme afirma Nicolau Sevcenko em *História da Vida Privada no Brasil*, vol. III:

“Nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações que viveram no final do século XIX e início do XX, do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades.”

Estas mudanças, patrocinadas pela Revolução Industrial, aliadas ao fim da escravatura, ao incentivo à imigração e à implantação das ferrovias, redefiniram a importância estratégica da

região como ponto de ligação entre a então capital da nascente República, Rio de Janeiro e São Paulo, já se firmando como centro industrial e político. A revalorização, acentuada pelos ramais decorrentes, vai acarretar o primeiro grande surto industrial, bem como geração de novos centros urbanos ao longo do trajeto da ferrovia Central do Brasil, como passa a ser denominada a partir da República. É o caso das cidades de Cruzeiro, Caçapava, que tiveram a transferência dos seus centros para as proximidades da Estação Ferroviária. E em outras cidades deste eixo, como Mogi das Cruzes e Taubaté, a estrada vai direcionar e redesenhar a expansão urbana, gerando uma clara divisão espacial, com o surgimento das indústrias e dos primeiros bairros operários.

Novos programas, como das estações, demandam novos partidos e técnicas construtivas. Radicalmente inovador, foi o caso da **Estação de Bananal**, inaugurada em 1889, construída no sistema construtivo industrializado Danly que permitia uma infinidade de soluções. A edificação apresenta um desenho simples, composto de dois corpos laterais térreos e corpo central assobradado independentes, e cobertura da plataforma sustentada por mãos francesas metálicas. Outras, como a Estação de Cachoeira Paulista, impressionam mais pela monumentalidade do conjunto, conciliando no sistema construtivo o uso da alvenaria de tijolos e estruturas metálicas. Já em **Caçapava, o conjunto Art Decó** da estação, embora de época mais recente (década de trinta), mantém a integridade original entre armazéns e gares.

A industrialização neste período patrocinou, como documentado no volume I do Inventário de Arquitetura Moderna – Núcleo Regional Vale do Paraíba – DO.CO.MO.MO., os primeiros exemplares de Arquitetura Moderna da região. Além dos já citados nesta publicação, vale lembrar o prédio do **Cassino dos Oficiais**, da Fábrica de Pólvora de Piquete, projeto e construção de 1935, com proposição Art Decó, guardando referências à tradição racionalista alemã.

A Estrada de Rodagem São Paulo/Rio

Inaugurada oficialmente em 1928, durante o governo de Washington Luís, a Estrada de Rodagem São Paulo/Rio, atravessando a trama urbana dos municípios, como maneira de suprir a infra-estrutura necessária, vai gerar pontos de parada e de serviços. Estas cidades, então, vão desenvolver rede hoteleira, postos de gasolina e ao longo das vias urbanas que se integram ao traçado da estrada. A burguesia local elegerá este, o cenário ideal para erguer residências e edifícios de comércio, muitos destes no estilo Art Decó: o novo desenho das vias, o automóvel incorporado à paisagem e a verticalização, mesmo que ainda incipiente. Tudo isso aliado à intensificação dos meios de comunicação de massa, rádio, cinema, revistas, etc. Alguns destes exemplares fazem parte também do volume anterior, já citado. Nesta etapa, registramos a **Residência Victor Guisard**, de 1936, em Taubaté, projeto de Urbano Alves de Souza Pereira e construção da Companhia Predial Taubaté, um sobrado isolado no lote, emoldurado por um jardim, guardando alguma semelhança com a casa da Rua Santa Cruz, de Gregory Warcharvchik.

Também apresentam filiação à linguagem Art Decó, o **Clube dos 200**, em Bananal, construído na antiga sede da Fazenda Formoso e a **Estação de Tratamento de Água** e a **Usina de Leite dos Laticínios Vigor** em São José dos Campos, ambos da década de quarenta.

Outros edifícios, distanciados desta estética Art Decó, como a **Concessionária Mogicar e o Edifício Urbano**, em Mogi das Cruzes, ambos autoria de Anhaia Mello, apresentam novos elementos, como janelas tipo ideal, grandes planos de vidro, murais, varandas em balanço, revestimentos em pastilhas. Destacamos também em Mogi, a Concessionária **Hilário Vilar**, pelo desenho inusitado de sua caixa d'água, composta de cone invertido seccionado por lâminas horizontais, muito marcante na paisagem. Em Taubaté, vale citar a **residência Veloso Borges**, projeto de 1959, atribuído a Victor Palma, em lote de esquina e organizada por um pátio central. E a **residência na Av. 9 de julho, projeto de Milton Alvarenga Peixoto**, que alterna na horizontalidade da sua fachada, panos de vidro com mural abstrato em pastilhas de vidro, do mesmo autor.

Ligada à Rodovia São Paulo/Rio através da Estrada Monteiro Lobato (SP050), Campos do Jordão abriga o **Grande Hotel Cassino**, de autoria de Oswaldo Bratke e Carlos Botti, em 1940, estimulando a atual vocação turística da cidade, lançando as bases de uma nova hotelaria.

Em maior ou menor escala, nas cidades influenciadas pela Estrada São Paulo/Rio, identifica-se um número considerável de equipamentos urbanos sob esta nova tendência moderna, tais como fontes luminosas, jardins e relógios públicos, pontos de ônibus, coretos, demonstrando o desejo das administrações municipais de inserção neste contexto renovador. Contribuíram nesta versão institucional do movimento moderno, os edifícios da **Companhia de Correios e Telégrafos** que seguiam uma padronização, ditadas por sua administração, como mostra o projeto assinado, em 1950, para a agência de Pindamonhangaba e assinado pelo engenheiro Mouses Ardaches Vosguesitchian. Outros exemplos são as obras do Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo, em várias cidades desta região, como pontes, postos de saúde, distritos policiais.

A Rodovia Presidente Dutra

Inaugurada em 1950 em resposta à obsoleta Estrada São Paulo/Rio (SP066), a Via Dutra como é conhecida e ainda hoje, o principal eixo rodoviário do país, intensifica a industrialização e afeta a economia das cidades, privilegiando algumas em detrimento de outras mais distantes de seus acessos. Em São José dos Campos, mais do que em qualquer outra cidade da área abrangente, a expansão e o redesenho urbano alteraram-se profundamente em função da rodovia, sendo a cidade mais populosa da região, apresentando conurbação com Jacareí.

Cidades como Bananal, Areias, Silveiras e São José do Barreiro, servidas pela Estrada de rodagem São Paulo/Rio, ficaram à margem do traçado da Via Dutra, resultando em êxodos populacionais e de certa forma, em quadro de preservação de seu patrimônio arquitetônico.

Já em Mogi das Cruzes, o desenvolvimento industrial foi dificultado pela mesma condição, mas amenizada pela presença da ferrovia. Este quadro se altera parcialmente no começo dos anos setenta, com a abertura da Rodovia Mogi/Dutra, ligando o município na altura de Arujá.

A via Dutra (BR116) é o principal eixo de um sistema rodoviário, que facilitou os acessos ao litoral norte paulista e à Serra da Mantiqueira, influenciando na vocação turística de cidades como Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Campos do Jordão. A rodovia Tamoios (SP099), que liga São José dos Campos à Caraguatatuba, a rodovia Oswaldo Cruz (SP125), que liga Taubaté à Ubatuba e mais recentemente a Rodovia Mogi/Bertioga (SP098), integram, juntamente com a Rodovia Rio/Santos (SP055), um circuito que facilitou a ocupação urbana desta faixa do litoral.

Uma das primeiras obras modernas e diretamente ligada à Via Dutra, foi o **Clube dos Quinhentos e Posto de Gasolina**, em Guaratinguetá, de autoria de Oscar Niemeyer, em 1952. Hoje bastante desfigurado, com um programa diversificado e que marcou época, o conjunto é referência obrigatória sobre o movimento moderno na região. A residência atrás do posto de gasolina é derivada da residência do arquiteto, em Mendes, RJ, de 1949, já demolida. O posto de gasolina era coberto por várias abóbadas em concreto, elementos vazados e panos de vidro na fachada do restaurante. Seu desenho sinuoso marcava, na paisagem, as características plásticas do autor. O conjunto era composto por campo de golfe, loteamento e parte social com piscinas e salões, com murais de Di Cavalcanti.

Outros postos de gasolina também marcaram pelo desenho moderno, a paisagem da rodovia. Como o **posto Tamborideguy** e suas marquises em balanço, em Roseiras, de autor ainda não identificado e projetos padrões da década de cinquenta, como o da antiga **rede Atlantic, identificados em Mogi das Cruzes (área central) e Jacareí** (na própria via Dutra). De desenho simples, apresenta cobertura em duas águas, convergentes para eixo central, chamado telhado “asa de borboleta” e elemento vertical de contraponto.

As indústrias

Implantadas à partir dos anos cinquenta, as indústrias também marcaram a paisagem ao longo da rodovia, com novas linguagens, como a fábrica Ericsson, de 1954, hoje totalmente descaracterizada, sediando um shopping center. “Dois detalhes construtivos externos norteavam os olhares, o volume isolado da caixa de escada e a vigorosa marquise da entrada do edifício.” (Penedo, 1997;11)

Outros complexos industriais merecem nota, o **conjunto da Johnson & Johnson**, marcado pela horizontalidade em extensos gramados, a **conjunto da fábrica Kodak**, cujo projeto da

edificação mais elevada teve como referência uma câmara fotográfica. Ambos localizados em São José dos Campos.

Em Taubaté, a **Indústria Mecânica Pesada**, além de marcar a industrialização da cidade, apresentava para a época projeto arrojado. Compunha-se de instalações industriais e vila de operários, esta em situação de cidade-jardim e três tipologias residenciais. O projeto é de autoria de Jaques Pillon e Giancarlo Gasperini, da década de cinquenta.

Também em Guaratinguetá e Lorena, duas indústrias merecem referências: **Laticínios Paulista em Guará, de autoria de Eriberto Pereira da Cunha e a Indústria FuroKawa**, em Lorena, de autor ainda não identificado.

Em Mogi das Cruzes, a **fábrica Huber Warko do Brasil**, de autoria do Eng. Fritz Cristesen, projeto do final dos anos cinquenta e publicado na revista Acrópole nº 265, implantado em terreno em declive, apresenta programa distribuído em três níveis. Contava com sistema automático contra incêndio e sistema de ar condicionado.

A crescente industrialização, patrocinada principalmente pela rodovia, incidirá diretamente sobre a expansão urbana destas cidades, não só com o aparecimento dos bairros operários e conjuntos habitacionais, como também, bairros de elite. São exemplos: a **Vila IAPI**, em Taubaté, da década de quarenta, e o **Jardim América**, em São José dos Campos, da década de cinquenta.

Incidirá também na verticalização da paisagem, em quase todas as cidades da região. Em Mogi das Cruzes, o **edifício Isidoro Boucalt**, de 1965, será por muitos anos uma das principais referências locais a esta verticalização. Em Campos do Jordão, o **edifício Parque Hotel**, em linhas curvas, projeto de Alcides Cotia, de 1958. Em Taubaté, o **edifício dos Bancários**, de 1964, de autor ainda desconhecido. Em São José dos Campos, mais do que em qualquer outra cidade da região, este fenômeno se reafirma, com inúmeros exemplos.

Jardins

Projetado em 1969 por Manabu Mabe, em comemoração ao jubileu de ouro da imigração japonesa em Mogi das Cruzes, o **jardim Mabe**, como é conhecido, instala-se em composições de pedras irregulares e peça em bronze, sobre piso de concreto incrustado de pedras roliças, formando desenhos orgânicos, em integração com a pouca vegetação utilizada.

Outro jardim, digno de nota é pesquisado nesta etapa dos trabalhos: **jardim da fazenda Vargem Grande**, em Areias. Projetado por Burle Marx, em 1979, só foi concluído em 1987. Erguido onde antes eram os terreiros de antiga fazenda de café, os espelhos d'água, os volumes e texturas da vegetação, compõem um desenho mais geométrico, característico desta fase do autor, que se integra ao conjunto remanescente da sede.

As residências

Embora se registre grande incidência de residências modernas projetadas por arquitetos reconhecidos, será este o espaço privilegiado de atuação do arquiteto local, aparecendo em cada cidade da região, um nome como referência. Alguns engenheiros arquitetos, outros já oriundos das Escolas de Arquitetura, produziram trabalhos que oscilam entre a plasticidade, de influência carioca, ao brutalismo, de tendência paulista.

Em Mogi das Cruzes, **as residências Costa Leite e Diomar Mello Freire**, projetadas entre os anos cinquenta e sessenta, pelo Eng. Costa Leite, apresentam jogos de marquises, telhados que buscam horizontalidade, panos de vidro, integrando os jardins externos aos interiores. Vale citar também **o conjunto residencial dos funcionários da Indústria de Aços Anhaguera**, projeto de 1971, de autoria do Eng. Miguel Gemma, compondo-se de seis casas, com recuos frontais integrados, tendo sua organização interna ditada por grande salão e ala de dormitórios voltados para um pátio interno. E a **residência Heráclito Meira**, projeto de 1964, de autoria do Arq. Paulo Renan Mamede, nitidamente influenciado pela obra de Oswaldo Bratke, na volumetria e composição dos vazios.

Em São José dos Campos, ainda nos anos cinquenta, o Arq. Carlos Millan, projetou para o industrial Olivo Gomes, **o protótipo residencial para diretores de sua empresa**. Embora só fossem construídas duas unidades, estas apresentavam a parte social voltada para os fundos, hoje de frente para a Av. Olivo Gomes e serviços e dormitórios agenciados por pátio central. Ainda em São José dos Campos, vale lembrar da **residência Nicanor Camargo Neves**, projeto de 1957, de José de Campos Almeida e Luciano Salgado. O telhado em “asa de borboleta” e a composição de elementos vazados, denunciam a influência carioca presente na obra. Também são dignas de nota, **as residências projetadas por Luís Erasmo Moreira**, influenciadas pela estética de Mies van der Rohe e Richard Neutra, assim como, a residência Hiroshi Kameyama, projetada em 1970, por Rui Ohtake, construída em concreto aparente e apresentando volumes cromáticos que buscam amenizar a rigorosa linha organizadora da laje de cobertura que se estende até os limites laterais do lote.

Em Taubaté e Pindamonhangaba, algumas residências da década de sessenta, merecem registro. É o caso da **residência José Vieira Filho**, projeto de Ângelo Cernigoy, em Pindamonhangaba, de 1963 e **residência na Rua Bicudo Leme**, de autoria de Renato San Martim, de 1966. Em Taubaté, a residência Sálvia, projeto de Manoel Carlos de Carvalho, de 1967, que sofreu profundas influências de Carlos Millan., segundo depoimento do próprio autor. Vale referência, as residências projetadas nas décadas de sessenta e setenta, por outros arquitetos, como Orly Lopes Querido, Antônio Pedrosa e Romeu Simi Jr.

Será no litoral que encontraremos um grupo significativo de residências modernas, realçado pela diversidade de materiais e liberdade de composições. Nesta etapa da pesquisa, estamos nos referindo aos exemplares encontrados em Ubatuba.

Ainda na década de cinquenta, Oswaldo Bratke projeta para o industrial Ciccillo Matarazzo, **a casa Matarazzo**, à beira-mar, tirando partido das ruínas do antigo cais da cidade, como documentam Hugo Segawa e Guilherme Mazza Dourado, no livro Oswaldo Arthur Bratke, de 1997:

“... implantada num ponto próximo ao mar, no extremo do pontal, incorporando os vestígios da alfândega – basicamente um muro de pedras – em seu desenho, acomodando-se às caprichosas formas dos afloramentos rochosos. A residência configura-se como uma volumetria horizontal, de elaboradas proporções, como que pousada sobre muro e dois afloramentos. Sua presença não denota uma intromissão desmedida no contexto paisagístico. A obra transforma-se numa referência ao sítio, reforçando múltiplas leituras do meio geográfico.”

A casa da família Gomes na Praia Grande, projeto de 1958 e concluída em 1963, projeto de Rino Levi e paisagismo de Burle Marx, merece destaque, embora pouco conhecida no quadro da obra do arquiteto. A distribuição interna é muito simples, um salão com abertura total, tanto para a serra como para o mar, tendo de um lado, um jardim interno e serviços e do outro, a ala íntima, separada pelo bloco dos banheiros, que também dá acesso ao mirante. Elevada em relação ao terreno, compõe volumetria horizontal, realçada pelas marquises em balanço e texturas dos tijolos nos alçados, fazendo contraponto com o bloco de concreto aparente, que abriga caixa d'água e mirante. A residência se integrava de maneira elegante aos jardins projetados por Burle Marx, dando continuidade à vegetação da Serra do Mar, tendo equipamentos como bancos contínuos cobertos por lajes “cogumelos”. Atualmente, um loteamento realizado em parte do terreno, compromete, em muito, a harmonia do conjunto e a preservação da obra.

Na praia de Itaguá, a **residência Romeu Simi**, de autoria de Romeu Simi Jr., projeto de 1961, apresentado como trabalho de graduação do curso de arquitetura da FAU USP, insere-se em lote de pequenas proporções, ocupando seus limites laterais e mantendo recuos frontal e posterior, por onde se projetam aberturas. Percebe-se, nitidamente, influências da obra de Vilanova Artigas, visível na empena cega da fachada, suporte para baixo relevo do artista José Demetrio. No interior há um outro painel pintado por Justino da Silva. Também da mesma época, a **residência Boris Fausto**, na praia da Enseada, é um dos poucos projetos construídos do arquiteto Flávio Império. É um volume simples, composto por uma seqüência de abóbadas catalãs, coroadas por terraço jardim. Internamente, a sala central, integrada à cozinha, divide dois dormitórios de um lado e a suíte de outro.

A **casa Mário Mazzeti**, de autoria de Carlos Millan, de 1963, na praia da Lagoinha, ao contrário das demais, tira partido da tecnologia das casas caiçaras, possível notar no madeiramento não aparelhado, nas pedras roladas de rio como arrimo, pisos de tijolos, e grande telhado avarandado que integra a sala aos dormitórios.

Não podemos deixar sem nota, o loteamento projetado por Carlos Lemos, na praia Vermelha do Sul, na década de setenta, bem como o grande número de projetos de arquitetos modernos ali realizados, fazendo este local ser conhecido como “praia dos arquitetos”.

À guisa de conclusão...

O acervo de obras modernas na região pesquisada é vasto e não temos a pretensão de esgotá-lo neste inventário. O que apresentamos foi uma amostragem parcial sob a ótica dos caminhos e seus significados, e sua contribuição na permanência do movimento moderno, selecionando variedade de tipologias e usos. As lacunas inevitáveis, neste presente inventário, não devem ser entendidas como esquecimento, mas apenas formam um pretexto para novos trabalhos.

A visão abrangente sobre os bens inventariados, mostra-nos a necessidade emergente de uma política mais efetiva em favor de sua conservação, haja vista o grande número de obras ameaçadas e desfiguradas em caráter definitivo, e até mesmo, demolidas nos últimos anos.

Reafirmamos assim, que o primeiro passo para a conservação é o reconhecimento e a documentação do bem cultural, na forma de inventário.

Bibliografia

- ADAMS, William Howard. Roberto Burle Marx, *The Unnatural Art of the Garden*, Museum of Modern Art, New York, 1991.
- BRAZIL, Álvaro Vital. Álvaro Vital Brazil, Editora Nobel, São Paulo, 1986.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1991.
- CARDOSO, Luís Antônio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes, organizadores (Re)discutindo o modernismo: universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1977.
- COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: Registro de uma vivência, Empresa das Artes, São Paulo, 1995.
- DOURADO, Guilherme Mazza. *Visões da Paisagem, Um Panorama do Paisagismo Contemporâneo Brasileiro*, Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, São Paulo, 1997.
- FROTA, Lélia Coelho. *Burle Marx: Paisagismo no Brasil*, Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 1994.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo*, AE Ateliê Editorial; FAPESP; Secretaria da Cultura, 1998.
- MINDLIN, Henrique E.. *Modern Architecture in Brazil*. Colibris Editora Ltda, Rio de Janeiro/Amsterdã, 1956.
- NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 03, organizado por Nicolau Sevcenko, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 04, organizado por Lilia Moritz Shwarcz, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- PENEDO, Alexandre. *Arquitetura Moderna – São José dos Campos*, Editora CLY, 1997.
- PETIT, Jean. Niemeyer, poeta da arquitetura, Fidia Edizioni d’Arte Lugano, 1995.
- SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. *Oswaldo Arthur Bratke*, Pro Editores, São Paulo, 1997.
- XAVIER, Alberto (org.). *Arquitetura Moderna Brasileira: Depoimento de uma geração*, Ed. Pini, São Paulo, 1987.

XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna Paulistana*, Ed. Pini, São Paulo, 1983.

XAVIER, Alberto; BRITO, Alfredo e NOBRE, Ana Luiza. *Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*, Ed. Pini, Rio Arte e Fundação Vilanova Artigas, São Paulo, 1991.

Outras fontes:

ART DECÓ NA AMÉRICA LATINA, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, Primeiro Seminário Internacional, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, Solar Grandjean de Montigny, PUC/RJ, 1997.

COMPANHIA PREDIAL TAUBATÉ. Boletins informativos da Companhia Predial Taubaté, 1932 a 1941, Taubaté, 1942.

Arquivo Histórico Municipal de Taubaté

Centro Técnico Aeroespacial

Companhia Predial Taubaté

Companhia Taubaté Industrial

Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

Prefeitura Municipal de Taubaté

Prefeitura Municipal de São José dos Campos

Rino Levi Arquitetos Associados - FAUUSP

“FLÁVIO IMPÉRIO EM CENA”, Catálogo da Exposição SESC Pompéia, 1997.

GUIA DA ARQUITETURA ART DECÓ NO RIO DE JANEIRO, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, Rio de Janeiro: Índex, 1997.

Currículos

Benedito Assagra Ribas de Mello

Arquiteto e Urbanista, especialista em Patrimônio Cultural, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Taubaté e membro do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural da cidade. Coordena a "Inventário 99" do Grupo de Trabalho DOCOMOMO VP/SP.

Marcia David

Artista plástica, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Braz Cubas, em 1998 e pesquisadora de arquitetura moderna, desde 1997. Coordena a "Inventário 99" do Grupo de Trabalho DOCOMOMO VP/SP.

Equipe:

Ademir Pereira dos Santos

Arquiteto pela UEL (Londrina, Pr.), mestre em História pela UNESP (Assis), membro do Docomomo Brasil e autor do livro "Arquitetura Moderna de S. J. Campos" atualmente leciona na FAU-UBC, Mogi das Cruzes.

Alexandre Penedo

Arquiteto pela Univap (S.J. Campos, SP), mestrando da EESC - USP, membro do Docomomo Brasil e autor do livro "Arquitetura Moderna de S. J. Campos")

Carlos Lunardi

Arquiteto pela Univap (S.J. Campos, SP), atuando profissionalmente na cidade de Ubatuba, SP.

João Francisco Chavedar (UBC)

Arquiteto pela FAU UBC (Mogi da Cruzes) mestrando do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas, SP), professor da FAU UBC (Mogi da Cruzes, SP).

Jorge Simões Pires (UNIVAP)

Formando em Arquitetura pela Univap (S.J. Campos, SP), membro do Docomomo Brasil .

Luciana Yui (UNIVAP)

Arquiteta pela UNIVAP (S.J. Campos, SP), mestranda do curso de Planejamento Urbano da UNIVAP.

Roberto Bianchi Jr.

Músico, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Braz Cubas, em 1998 e pesquisador de arquitetura moderna, desde 1997.

Sônia Di Maio (FCCR)

Arquiteta pela FAU UBC (Mogi da Cruzes), integra o corpo técnico do DPH, Diretoria de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

Valéria B. Pedroso do Santos

Arquiteta pela Univap (S.J. Campos, SP), atuando profissionalmente na cidade de Ubatuba, SP.

Endereço

GRUPO DE TRABALHO DO COMOMO SP / VALE DO PARAÍBA

A/C Ademir Pereira dos Santos

Av. Cassiano Ricardo, 681/74

Jardim Alvorada, São José dos Campos, SP; Cep: 12280-540

Fone: (0 xx 12) 322-0060; e-mail: ademir@directnet.com.br